

 **RESENHAS**

# A negritude viva em *Terra negra*, de Cristiane Sobral

Dileane Fagundes de Oliveira<sup>1</sup>

---

É interessante refletir a respeito da criação literária de escritores que assumem a identidade afro-brasileira e lançam-se no mundo da escrita, desestabilizando um sistema hegemônico que preconiza a invisibilidade discursiva do negro no Brasil. Dentre esses autores, ressaltamos a voz de Cristiane Sobral, pela natureza questionadora de sua escrita e pelo valor simbólico de suas reflexões a respeito da identidade negra. De forma atenta e comprometida com o cenário sociopolítico e cultural brasileiro, a escrita de Cristiane Sobral tem contribuído para revisitar, resgatar e legitimar a participação da mulher afrodescendente como sujeito da sua própria história, e assim contrapor a visão estereotipada de sua representação.

Nesse sentido, ao se aceitar o convite para adentrar em *Terra negra* (2017), percebe-se a necessidade de compreender as nuances internas e externas ao texto. *Terra negra* é um território fecundo, e a sua leitura leva a repensar a existência humana, a história brasileira e o aparato cultural que circunda os brasileiros. Nessa leitura, transitamos pelos caminhos do amor: somos seduzidos pelo erotismo, viajamos ao passado para revisitarmos nossos ancestrais, desejamos estar em Aruanda e testemunhar a história dos excluídos. Percorremos cada canto do mundo onde há uma voz negra. O arcabouço de mais de 70 poemas

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras, com pesquisa intitulada *A construção do feminino nos romances Fundador, A doce canção de Caetana e A república dos sonhos, de Nélida Piñon*.

que compõem esse livro-planeta revelam uma poética desafiadora e inquietante de resistência, testemunho consciente da experiência vivida, do reconhecimento e autoconhecimento. De forma muito consciente, Sobral apresenta-nos um perfeito equilíbrio entre o estético e o político.

Cristiane Sobral marca a terra com suas pegadas, demarca seu território, exalando cor, poesia, luta, sensibilidade e ousadia. A autora figura entre os escritores contemporâneos na antologia *Literatura e afrodescendência no Brasil*, de Eduardo de Assis Duarte. Desde 2014, ocupa a cadeira de número 34 na Academia de Letras do Brasil (no Distrito Federal). Além de poeta e escritora de contos, Cristiane Sobral, que nasceu na Zona Oeste do Rio de Janeiro, no bairro Coqueiros, em 1974, é autora teatral, arte-educadora e atriz. Foi, inclusive, a primeira atriz negra a formar-se em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília, em 1990.

Cristiane Sobral começou a se tornar conhecida pela sua escrita literária a partir da sua primeira publicação nos *Cadernos Negros*, em 2000. Seguiu publicando nesta e em outras antologias poéticas, até publicar o seu primeiro livro em 2010, intitulado *Não vou mais lavar os pratos*. No mesmo ano, publicou o livro de contos *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*. Em 2011, lançou uma segunda edição de *Não vou mais lavar os pratos*. Em 2014, publicou mais um livro de poemas, intitulado *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014). Publicou também *O tapete voador* (2016), livro de contos; *Olhos de azeviche* (2017), coletânea de contos e de crônicas; e *Terra negra* (2017), seu mais recente livro de poemas.

Iniciamos a leitura do livro guiados pela densidade poética de Elisa Lucinda, claramente uma escolha afetiva, pois a prefaciadora de *Terra Negra* e Cristiane Sobral são vozes destoantes em um território comum. No prefácio intitulado “A carta da terra”, Lucinda apresenta Cristiane Sobral como a pérola de sua tribo e nos convida a uma conversa histórica, sincera, lírica e corajosa:

Cristiane Sobral nos desnuda com uma poesia cheia de personalidade, cores, aromas, densos enredos e escreve como tribo. Conhecedora. Caminha sem solidão porque traz as hordas dos

povos em diáspora inebriados e entrelaçados em sua narrativa ética, estética e caudalosa. Curiosa sua arte, lindo o seu tear, minha querida Cristiane Sobral! Embora você já seja imortal, as academias ainda desfilam seus pobres ares de eurocêntricas nobrezas e pouco costume de não portar vozes não oficiais. A voz de uma mulher negra é a voz que se nega ao silenciamento, a voz que se impõe à porta da Casa Grande e entra. Arrebenta a tranca e ainda tem que provar, a cada balcão, o que é, quem é, e porque o é. Cansa até. Como a poesia é feita do impacto entre a poeta ou o poeta e sua experiência de viver, está presente todo o tempo, nas escuridões de *Terra negra* a luta existencial de todas nós (LUCINDA In: SOBRAL, 2017, p. 12).

A voz que Elisa Lucinda diz negar-se ao silêncio e que tece uma poesia forjada na experiência de viver está presente em todos os poemas. Tal temática é recorrente em sua obra, e nos instiga a pensarmos como é construída a identidade do negro nesses poemas. Partimos dos poemas “Eu sou” e “Quem sou”, os títulos de antemão já nos remetem a uma certa afirmação de uma subjetividade. É interessante ressaltar que essa construção identitária é articulada por um viés afirmativo, ou seja, coloca o negro como sujeito, protagonista de sua história, de sua cultura e da sua subjetividade promovendo a negação dos estigmas, estereótipos, submissão e objetificação. Percebemos uma correspondência com a colocação de Cuti (2010), ao afirmar que a discriminação, ou seja, a rejeição do outro por desqualificação, não se manifesta apenas no relacionamento entre as pessoas, mas também no ato da produção cultural, pois quando o escritor produz seu texto, evoca seu acervo de memórias.

No poema “Quem sou” (2017, p. 62), Sobral revela um eu-lírico que afirma sua negritude, contrapondo-se a um racismo velado implícito nas palavras *morena*, *mulata* e *exótica*. Essas palavras criam uma imagem a qual a mulher negra não se identifica. O eu-lírico feminino não quer ser visto como o exótico, ou seja, como o outro, o diferente, mas sim como todas as mulheres. Na última estrofe, ela reitera o orgulho de ser negra, de ser a voz de muitas mulheres que lutaram e lutam pelo direito de ser e de poder exhibir sua negritude. A negritude pode ser entendida aqui pela concepção de Munanga: “uma operação de desintoxicação semântica e de

constituição de um novo lugar de inteligibilidade da relação consigo, como com os outros e com o mundo” (MUNANGA, 2009, p. 53). Nesse poema, Sobral faz um trabalho de ressignificação semântica da palavra *negra* despojada da valoração negativa, contrariando, assim, o sentido hegemônico que se perpetuou na língua brasileira. A identidade é concebida na percepção de si como um sujeito consciente de seu poder e no poder de luta de seus antepassados.

Nessa ideia de negação dos estereótipos e da submissão no poema “Eu sou”, o eu poético coloca-se no lugar daqueles que sofreram e ainda sofrem com o racismo. Evoca a representatividade de escritores e cantores negros, coloca em evidência a cultura negra, a autonomia e a voz do negro como uma maneira de desafiar e de desconstruir o racismo. Assim como nos outros poemas, está presente aqui a mulher que se assume como negra, livre e linda. E responde ao racismo que teima em bater a sua porta: “O racismo não é ninguém / mas eu sou” (SOBRAL, 2017, p. 100).

Os versos desse poema promovem uma autoimagem positiva, que impulsiona o eu-lírico à luta e à conquista da desestabilização do racismo, com a certeza do valor da negritude. Como afirma Elisa Lucinda, é a voz brotada de uma pele preta, experiência de viver, presente todo o tempo, é a luta existencial de todas as mulheres negras. Assumir esse lugar de fala é também uma postura ética, como afirma Rosane Borges (apud. RIBEIRO, 2017, p. 84): “saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo”. Apesar da violência sofrida no passado, das injustiças infligidas ainda hoje, a resistência se constrói no desejo coletivo, pois se o sofrimento atinge a todos, de alguma forma o futuro também deve ser compartilhado.

Os poemas de Sobral transgridem as representações estereotipadas, privilegiando a beleza, a cultura e a intelectualidade das mulheres negras. A escrita de Sobral apresenta-se investida, sobretudo, de compromisso social, tratando de assuntos concernentes à mulher negra e ao preconceito com o negro, refletindo

uma preocupação com a construção de uma identidade negra autêntica e sem máscaras.

Já no poema “Nó na garganta”, o eu-lírico constrói um *contradiscurso* a fim de questionar não só o padrão de beleza hegemônico, mas a maneira de olhar de um “outro”, que censura, critica e deprecia o que lhe é diferente. É o outro quem determina o que é “diferente” e apresenta soluções para moldar esta diferença em relação ao padrão normativo. A relação que prevalece aqui é aquela que inferioriza e oprime o diferente. No entanto, a repetição dos versos “eu sei”, revelam a consciência do eu lírico frente aos padrões culturais dominantes. A voz poética denuncia o mito da democracia racial por meio da metáfora da *pomba branca encardida da paz*, ou seja: por mais que se tente dissimular, o racismo ainda mostra suas nuances, às vezes de maneira mais agressiva, outras de maneira mais branda, porém persistentemente.

As palavras “tempo” e “trampo” (no poema “Nó na garganta”) remetem ao preconceito relacionado à escravização do negro; por isso, o desmascaramento do outro que culpa a herança cultural que teima em acompanhar definição do negro na sociedade. Contra a ideologia do embranquecimento, a voz negra enuncia que, apesar do nó na garganta e de quase perder a fé na humanidade, ela só pode ser o que é, ou seja, a mulher negra insubmissa aos padrões e modelos estéticos racistas.

A negritude é evidente também nos poemas metalinguísticos “Página preta”, “Poesia preta feminina”, “Legado” e “Criar é verbo de ação”. Nesses poemas, percebemos o quanto é marcante o empenho em construir representações que revertam aquelas que aparecem marcadas por inferioridade e exclusão nas práticas culturais hegemônicas e reafirmadas na literatura brasileira. Para construir uma reflexão sobre o questionamento e a consequente ressignificação das imagens das mulheres negras representadas na literatura brasileira, é importante atentar para a escrita de Sobral. Ela traz marcas de subjetivação do sujeito mulher-negra, bem como revela situações relacionadas ao cotidiano do eu-lírico e

suas inquietações acerca dos mais diversos assuntos: o amor, os relacionamentos, a função social da mulher negra, e a condição intelectual da artista afrodescendente, entre outros. Os versos do poema “Inusitada” exemplificam tal representação.

Traços autobiográficos (“Sou uma mulher no Planalto Central”) marcam os versos desse poema; assim, a interação entre escritura e experiência destaca o lugar de fala e a resistência e a ação em um espaço inóspito. As metáforas concernentes à descrição de Brasília contrastam com a vivacidade da cor e da sensibilidade poética do eu-lírico. Essa mulher inusitada em Brasília é também a voz inusitada que ganha cada vez mais espaço no cenário cultural brasileiro. A voz poética vislumbra a ressignificação da visão estereotipada da mulher negra, e também a inscrição dessa mulher como sujeito no corpus literário, atribuindo-lhe o poder de, enfim, expor suas experiências na sociedade em que vive. Escrever é *reescrever* a história de um ponto de vista diferente do apresentado nas visões dominantes, é resgatar subjetividades coletivas, é valorizar a negritude.

As metáforas “Investindo contra a aridez do deserto” e “brotar em qualquer porto”, presentes na penúltima estrofe, remetem à adoção de uma visão de mundo própria e distinta da do branco, à superação da cópia de modelos europeus e à assimilação cultural imposta como única via de expressão. Ao superar o discurso do colonizador em seus matizes passados e presentes, a perspectiva afro-brasileira configura-se como discurso da diferença e atua como elo importante dessa cadeia discursiva, como afirma Duarte (2010).

A análise dos poemas permitiu evidenciarmos a singularidade da escrita de Sobral. A questão identitária emerge em seu fazer literário por meio de uma voz que exalta a negritude e contesta as diversas formas de preconceito e racismo. A literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário; a literatura é fonte inspiradora do pensamento e da ação. Talvez possamos ver o ser humano em sua profundidade, para além da aparência do ser e do ter, como sugere a voz poética do poema “Miradouros”.

A escritura de Sobral faz-nos refletir sobre a literatura negra de afirmação que tem a identidade e a negritude como tema central. Por meio de uma escrita que tem cor, que é a negritude viva e atenta aos estereótipos e estigmas que ainda perseguem os negros no Brasil. Assim, Sobral demarca seu espaço no território árido da literatura brasileira.

A afirmação da identidade negra contrapõe-se à estereotipia, à objetificação, à desvalorização do negro, à imposição de lugares sociais e à invisibilização dos afrodescendentes no Brasil. Nos poemas de Cristiane Sobral, percebemos um olhar atento ao racismo, pois a luta ainda não foi vencida, como a poeta escreve: “criar é um verbo de ação” (SOBRAL, 2017, p. 104); e é preciso presentificar o passado, dialogar com as vozes que demarcaram espaços e reinventar o compasso da história.

A poesia negra de autoria feminina representa a diversidade e a esperança, como a voz poética do poema “Resistência” afirma: “amanhã estaremos vivas / protestando contra a violência /porque vamos encher a terra com os nossos filhos” (SOBRAL, 2017, p. 73). Esses versos prenhes de esperança nos fazem acreditar em um mundo melhor, em uma terra povoada de negritude livre subvertendo a herança cultural racista disfarçada de paz e cordialidade.

A relevância da obra poética de Cristiane Sobral está pautada em seu engajamento político e social, na autogestão da imagem da autora, na representatividade e visibilidade da escrita de autoria negra e feminina. Desse modo, torna-se necessário cultivar a voz feminina negra, dar visibilidade às potencialidades de seus discursos em meio a outros, já perpassados e instituídos.



---

## Referências bibliográficas

CUTI [Luiz Silva]. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011, Volume 4: História, Teoria, Polêmica.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SOBRAL, Cristiane. *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*. Brasília: Dulcina Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. Não vou mais lavar os pratos. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. (Org.). *Cadernos Negros 23*. São Paulo: Quilombhoje, 2000.

\_\_\_\_\_. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: Editora Thesaurus, 2010.

\_\_\_\_\_. *O tapete voador*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

\_\_\_\_\_. *Olhos de azeviche*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

\_\_\_\_\_. *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*. Brasília: Ed. Teixeira, 2014.

\_\_\_\_\_. *Terra negra*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

Recebido em 05/04/2019

Aceito em 25/07/2019